

Três cavalheiros da imprensa e uma luta política

Eduardo Luiz Viveiros de Freitas²

O que há de comum entre Mino Carta, Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif? Além de serem jornalistas éticos, profissionais competentes e honrados, esses três cavalheiros travam atualmente um duro combate contra o que Amorim chama de PIG (Partido da Imprensa Golpista) e Nassif qualifica de esgoto jornalístico. Mino Carta, à moda aristocrata, chama de “sabujos de redação” os jornalistas que constroem, diariamente, representações e situações que tornam óbvia a indisposição da mídia com o governo e a figura do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, idéia única em torno da qual giram os tais “sabujos”. Luís Nassif, em seu blog, tem publicado uma série de reportagens, iniciada em dezembro de 2007, chamada de “O caso de Veja”, descrevendo o processo que levou a revista semanal a se tornar o que chamou de “maior fenômeno de anti-jornalismo dos últimos anos”. Ele mesmo recebeu descargas de dejetos morais atiradas sobre sua reputação, de quem chama de parajornalistas da publicação (edição impressa e blog). Paulo Henrique Amorim, mais conhecido por sua atuação em televisão, tinha até pouco tempo seu blog hospedado no portal IG, chamado Conversa Afiada. Através de suas “Máximas e Mínimas”, o jornalista aponta articulações no meio político e empresarial que envolvem interesses identificados com as forças políticas de oposição e o poder econômico que lhes dá sustentação, estendendo seus tentáculos para dentro do atual governo, por meio da atuação do banqueiro Daniel Dantas e suas relações com membros do atual governo e do anterior.

Pois Mino Carta, Paulo Henrique Amorim e Luis Nassif têm em comum o fato de não terem sido totalmente assimilados pela grande mídia em função de suas posturas profissionais e escolhas políticas. Mino Carta conta em vários textos publicados em sua revista (Carta Capital) como teve que inventar o próprio trabalho, após ter se demitido de Veja e saído de jornais dos grupos Folha e Estado, porque politicamente, nesses veículos,

² Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisador do Neamp.

a margem de manobra era mínima. O jornalista tem uma margem de criação maior em sua revista, e vê a mídia compactamente unida, defendendo os piores interesses, “aqueles da minoria branca, para usar a expressão do Cláudio Lembo.” Paulo Henrique Amorim, em meados de março, teve seu contrato rompido bruscamente e seu blog tirado do ar pela direção do portal IG. Sua equipe de trabalho foi impedida de entrar no prédio do portal onde trabalhava e seus computadores foram lacrados. Entrou na justiça para poder reaver os arquivos do blog bloqueados pelo portal. Recebeu imediata solidariedade de Mino Carta, que encerrou suas atividades no blog que mantinha no mesmo portal, por não concordar com a maneira como Paulo Henrique foi tratado nesse episódio. Paulo Henrique possui agora um site hospedado em outro portal, não diretamente ligado a grupos jornalísticos. Luis Nassif saiu da Folha de S. Paulo, onde esteve por mais de 10 anos com sua coluna “Dinheiro Vivo” e participou do Conselho Editorial, após a mudança de linha editorial (e política) do jornal que atualmente se comporta como uma espécie de apêndice da linha editorial da revista Veja.

A busca pela liberdade de ação e trabalho dentro de padrões que os três consideram minimamente aceitáveis para a produção de um jornalismo politicamente responsável e eticamente comprometido com a verdade, fez com que pelo menos dois desses cavalheiros encontrassem na Internet (sites e blogs) o caminho para continuar a defender seus princípios no cotidiano da profissão. Mino Carta é a exceção, tem medo de computador. Para o jornalista, se você chegar muito perto da máquina, ela o engole, já “engoliu um monte de gente, principalmente a garotada, que vai pagar caro por isso”. Prefere continuar a produção de seus textos numa máquina de escrever Olivetti Linea 88 e passar suas matérias para o “mundo real”, movido a computador, através de sua secretária e seus colaboradores na revista. Paulo Henrique Amorim considera a internet o último reduto da liberdade de imprensa, porque você pode “fazer o que quiser”. Ele vê a blogosfera se transformando em um espaço de debate político relevante. Luis Nassif aponta imensas possibilidades abertas pela internet, que considera o início da democratização da informação. Com o fim da ditadura e a livre manifestação da opinião pública, vimos os meios de comunicação, nos anos 80/90, assumirem o papel de protagonistas e de grandes articuladores da cena política, com grandes tiragens e debates

significativos se sucedendo e envolvendo boa parte dos leitores. O poder de manipulação se manifestou amplamente nesse período. Nassif constata o ocaso desse período “áureo” da imprensa no surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação. A cena atual mostra a imprensa perdendo espaço e o controle da informação. A pesquisa em comunicação e política tem nesses perfis e posturas dos jornalistas mencionados um campo de desenvolvimento de estudos e investigações que alia o conhecimento dos meandros da mídia e sua relação com a política, com a atuação desses atores políticos do jornalismo. Chamando-os de “cavalheiros” notamos que, à moda dos personagens de peças teatrais ou romances, portam-se com dignidade e defendem sua honra e causas nobres, como a da liberdade de expressão. Poderíamos falar de um bufão jornalístico, também encontrado nesse meio tecnológico que, a exemplo dos bufões da Idade Média, representa uma deformação desses perfis “aristocráticos” do nosso jornalismo. Mas isso fica para uma outra oportunidade.